



O mundo ia mudando, mas Sarah continuava satisfeita com as velhas maneiras—por uma razão profunda e respeitável

Uma Vida de Dignidade e Gratidão

JOAN MILLS

ONTEM À NOITE um vento forte fez-nos regredir duas gerações atrás. Além da nossa porta jaz uma árvore, coberta de cabos e fios elétricos partidos, caída nos destroços da tempestade. O barulho da árvore ao cair sacudiu a nossa casa até aos alicerces e despertou-nos de um sono agitado. De manhã providenciaremos, dissemos nós.

Acordamos com frio, num estranho silêncio, e compreendemos, aos poucos, que os hábitos do conforto nos haviam traído. Disquei um número num telefone morto, e peguei num termostato que não funcionava. Meu marido, tiritando de frio, apareceu na cozinha para tomar café. Café? Onde ligar a cafeteira elétrica? “O fogão de gás está funcionan-

do”, disse Bob. Ah! Desencavei o velho bule e coloquei-o sôbre a chama.

“Hoje vamos viver vida simples”, pensei. De repente, ela não me pareceu nada simples—mas eu sabia como tirar o melhor proveito dela. Seguiria o exemplo de Sarah, avó de meu marido, que nunca esperou que a vida fôsse fácil e sempre a achou boa.

Ela teria dito que estávamos vivendo com um luxo exagerado esta manhã, com água corrente dentro de casa, e uma chama rápida para esquentar a água. Sarah não tinha nem uma coisa nem outra. Preferia água trazida do poço e o seu grande fogão prêto. “Não há nada como um fogão a lenha para fazer pão”, dizia ela. (E, já que estamos nas comparações, não havia pão igual ao dela.)

Telefone? Sarah tinha quase 80 anos quando seus filhos insistiram em que ela tivesse um. “Tolice pura!”, reagia Sarah. Nada mais era do que uma peça incômoda para ela espanar. Uns 40 anos depois de todo o mundo, Sarah instalou electricidade em casa—mas, de qualquer maneira, conservava os pavios dos lampiões espevitados e o querosene à mão no telheiro.

Quando eu, môça da cidade, estava para me casar com o seu neto, também da cidade, costumava ouvir essas histórias contadas por Bob. Elas me encantavam. “Mas que vida difícil!”, pensava eu. Só fogareiros para aquecer a casa, uma adega de chão de terra para manter a comida

fresca, uma tina de lavar e um torcedor de roupa de manivela manual? *Por que*, quando não havia mais necessidade disso?

Nunca me ocorreu então que Sarah se mantinha fiel às velhas maneiras por um motivo profundo e válido—ela vivia contente. Foi preciso que eu a conhecesse pessoalmente para compreender como podia ser assim.

Pouco depois, ela chegava para fazer uma de suas visitas habituais à família de Bob. Abriu as malas e tomou posse da cozinha cromada e cheia de porcelanas para fazer quitute especial para Bob. Fomos encontrá-la cortando rôscas. Ela abriu um sorriso grande, limpou no avental as mãos salpicadas de farinha, e concluiu que não estavam enfarinhadas demais para nos abraçar.

Eu fiquei olhando encantada enquanto ela tirava com um garfo a primeira rôscas de dentro da gordura borbulhante. Era um círculo dourado, como uma aliança de casamento, picantemente aromático e com uma casquinha deliciosa. Sarah então cobriu êsse prodígio com açúcar, soprou-o para diminuir o calor e provou-o com alguma desconfiança.

“Bem, Bobby”, disse ela, “não estou pròpriamente envergonhada que Joanie prove uma destas, mas você sabe tão bem como eu que elas ficam mais gostosas feitas no fogão de lenha lá de casa.”

Daquele dia em diante Sarah tornou-se parte de minha vida. Para agradar seu neto, quando se tor-

nou meu marido, aprendi a fazer pão. O ritmo de amassar acalmava-me e eu sentia um prazer primitivo na docilidade quente da massa. Uma vez crescido, eu cozia o pão e depois batia nêle com os nós dos dedos para ouvir, pelo som, se êle estava pronto, servindo-o depois, com orgulho, numa cestinha de vime. E pensava em Sarah.

Em adiantado estado de gravidez, eu amarrava um avental no meio do corpo e ficava sentada tranqüilamente cortando maçãs para fazer uma torta . . . pensando em Sarah. Deixei de lado minha máquina de costura para fazer à mão o vestido do batizado de meu filho, com centenas de pontinhos caprichados. Quantos milhares de vêzes Sarah teria enfiado uma agulha? Parecia-me que tôda vez que eu fazia qualquer coisa boa e feminina, pensava nela.

Chegou um verão em que Bob disse que nós devíamos levar os bisnetos de Sarah para visitá-la em sua casa no Maine. Empacotamos os bebês no carro e dirigimo-nos para o norte. No segundo dia, subimos o morro de aspecto solitário, onde ficava a casa de Sarah. Além dela, as matas invadiam antigos pastos. Embaixo, a terra se estendia até à Baía de Passamaquoddy, de um azul de gelo sob o Sol. Na enormidade da paisagem árida e soberba, a casa parecia melancòlicamente pequena.

E era mesmo pequena. Mais uma vez a memória me leva a percorrer os três pequeninos cômodos no andar de baixo e outros dois minúsculos

sob as abas dos telhados. Essa era a casa onde Sarah havia criado três filhos, que bendiziam o seu nascimento; aí ela havia feito colchas de retalhos à luz de lampiões de gás, esfregado os soalhos com sabão de barrela e muita fôrça, cortado cabelos, feito curativos, remendado e vivido com o que possuía—e mantendo vivo o seu bom humor.

Trabalhando ao lado do marido, ela arrancava ervas daninhas, ajudava nas colheitas, ordenhava a vaca e espantava as galinhas. O que era produzido na lavoura, na pesca ou na caça, ela cozinhava, defumava, salgava ou conservava em potes. Às vêzes trabalhava por salário. Logo no início dêste século, quando a frota de Lubec chegava com seu carregamento de sardinhas, o apito da fábrica apregoava a notícia. Sarah deixava o que estivesse fazendo no momento, metia no bôlso a faca de peixe, arregaçava as saias, escarranchava o bebê menorzinho sôbre o quadril, e corria morro abaixo para enlatar sardinhas.

Tinha tudo o que podia desejar. Verdade era que havia casado com um homem formidável, tão bonito, generoso e alegre quanto ela própria. Seus filhos ainda dizem: “Lembra-se de papai?”—e começam a contar episódios cativantes. Um dia, êle saiu para trabalhar no campo, e lá morreu. Durante mais de 25 anos Sarah continuou a viver sòzinha.

Quando Bob era menino, todo verão ela o levava para ficar com ela um mês. Com os pastos, os bos-

ques e a baía para explorar, com parentes ou gente da aldeia aparecendo em visita, a vida no campo era uma série de aventuras. E quando não as havia, Sarah as inventava para Bob.

Ele anunciou um dia que estava com vontade de montar uma barrquinha de limonada.

—É uma idéia muito inteligente, Bobby—concordou Sarah, e ajudou-o a instalar o negócio.

Durante a primeira hora não apareceu ninguém. Bob esperou. Depois, do outro lado do morro, apareceu um homem com um boné enterrado até ao nariz. Parou, deu grandes demonstrações de surpresa ao ver a limonada para vender, exatamente quando sua sede era tão tremenda, comprou tudo o que pôde beber, elogiou o proprietário e continuou na sua longa caminhada morro abaixo.

Uma hora depois, Bob voltou para casa para contar a Sarah.

—Um homem comprou uma porção, vovó—disse êle.—E imagine só! Êle estava de macacão e um boné iguaizinhos àqueles que você tem pendurados no telheiro!

—São bonés que a gente encomenda pelo correio—respondeu Sarah.—Todo mundo tem igual.

Por ocasião do Natal, seus filhos, espalhados em vários lugares, recebiam caixas que eram amostras do lar—as conservas de Sarah, os pickles, picadinhos de veado, biscoitos especiais e pacotes embrulhados em papel de seda, com etiquetas de

Papai Noel. Tudo vinha arrumado em galhos de pinheiro, bálsamo e pinhas gordas. Abrir um presente de Sarah significava aspirar nostalgia.

Quando começou a envelhecer, Sarah habituou-se a passar o inverno nas casas dos filhos, onde havia aquecimento central, água corrente e conforto moderno. Ambientava-se imediatamente, e nunca ficava parada, sabe-o Deus, servindo jantares e sacudindo tapêtes, mas, oh!—como ansiava pela primavera e por seu próprio cantinho!

Alegra-me que sua vida tenha sido longa e que tenhamos levado nossos filhos a Lubec. Na tarde em que lá chegamos, fomos ao mato apanhar uvas-do-monte. Os pequeninos ficaram empoleirados na escadinha dos fundos comendo as bagas quentes do sol de uma xícara. Hoje, adolescentes, êles afirmam que se lembram, e eu quase chego a acreditar que é verdade. A família estava reunida. Lado a lado, sentamo-nos à mesa de Sarah para festejar. Nós, as mulheres, lavamos os pratos na água trazida do poço. Enquanto conversávamos, os homens rachavam lenha e punham uma fechadura nova na privada. Sarah elogiava os esforços. Deitando-nos cedo, dormimos comodamente sob o beiral, com o ar fresco e salgado agitando as cortinas da nossa janela.

Aquêle dia me mostrou quanta coisa podia conter a vida naquela casinha. De manhã afastei-me da casa e depois olhei para trás, imaginando a neve, como um mar profundo

e silencioso, ao redor dela; vendo as árvores vergarem numa ventania de novembro; sentindo como os nevoeiros de perto de 70 anos haviam subido da baía, envolvendo a casa e tudo o que ela continha.

Perguntei a mim mesma: poderia eu ter vivido a vida de Sarah, com a sua dignidade e gratidão? E a resposta foi: eu não.

Sarah era ela; eu sou apenas eu, diariamente grata pelos aparelhos que giram, gemem, chocalham e falam; os que fazem o meu serviço, conservam as coisas quentes ou frias, e me dão o lazer que não é meu por merecimento.

Mas nas horas extras que êsses aparelhos me dão, existem escolhas que posso fazer com liberdade. Às vêzes resolvo programar minha vida

à moda de Sarah. Olho, através da janela de minha própria cozinha, para os bosques, o pasto e o celeiro que são nossos, e sinto-me à vontade com ela. É sempre uma alegria para a minha alma (e a de minha família) quando emprego a dádiva do meu tempo tirando as ervilhas de suas vagens para dentro de uma panela; quando manejo uma agulha, ou quando retiro um pão fresco do forno. Talvez exista em todos nós a necessidade de voltar, de vez em quando, às coisas fundamentais.

Até amanhã as turmas dos conser-tadores já terão emendados os fios que nos ligam à nossa época. Esta é a minha época! Mas hoje vou arranjar-me como Sarah, e o farei contente. Acho que os maus ventos de ontem foram bons ventos para mim.



Amantes da Natureza

ALGUÉM disse do filósofo naturalista Thoreau: “Êle era capaz de tirar mais vantagem de 10 minutos observando uma marmota do que a maioria dos homens de uma noite com Cleópatra.”

—Paul Brooks, *Roadless Area* (Knopf, ed.)

O GRANDE La Fontaine era um estudioso apaixonado da natureza. Uma vez, chegando atrasado para um jantar, êle explicou: “Acabo de vir do entêrro de uma formiga; segui o cortejo até ao cemitério e acompanhei a família de volta para casa.”

—Will e Ariel Durant, *The Age of Louis XIV* (Simon and Schuster, ed.)

O ESCRITOR naturalista Paul Brooks viu uma pequena coruja imóvel sôbre um galho sêco, em um bosque nas imediações de sua casa. “E enquanto a coruja e eu nos entreolhávamos”, escreveu êle, “pensei na resposta clássica de um humorista quando lhe perguntaram se observava os pássaros: ‘Observo’, respondeu êle, ‘e êles também me observam.’”

—*Roadless Area* (Knopf, ed.)